



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA/CENTRO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

**ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA E CULTURA NO BRASIL
CONTEMPORÂNEO**

LUIS FERNANDO LOBO ROSA MARQUES

**REPRESENTAÇÕES DE INFÂNCIAS: DIÁLOGOS ENTRE CANDIDO
PORTINARI E SEBASTIÃO SALGADO**

SANTOS

2019

LUIS FERNANDO LOBO ROSA MARQUES

**REPRESENTAÇÕES DE INFÂNCIAS: DIÁLOGOS ENTRE CANDIDO
PORTINARI E SEBASTIÃO SALGADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas/Departamento de História/Centro de Educação à distância da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de especialista em História e cultura no Brasil contemporâneo.
Orientador: Prof. Dr. Martinho Alves da Costa Junior

Santos
2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Marques, Luis Fernando Lobo Rosa.

**Representações de infâncias: diálogos entre Candido Portinari e
Sebastião Salgado / Luis Fernando Lobo Rosa Marques. – 2019.
26 p. : il.**

Orientador: Martinho Alves da Costa Junior

**Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas.
Especialização em História e Cultura no Brasil Contemporâneo,
2019.**

**1. Infâncias. 2. Vulnerabilidade social. 3. História da Arte. 4.
Ensino de História. I. Costa Junior, Martinho Alves da, orient. II.
Título.**

LUIS FERNANDO LOBO ROSA MARQUES

**REPRESENTAÇÕES DE INFÂNCIAS: DIÁLOGOS ENTRE CANDIDO
PORTINARI E SEBASTIÃO SALGADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas/Centro de Educação à distância da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de especialista em História e cultura no Brasil contemporâneo.

Orientador: Prof. Dr. Martinho Alves da Costa Junior

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. Martinho Alves da Costa Junior - UFJF

Orientador

RESUMO

O conceito de infância ganhou significados diversos ao longo da história, sendo tecida conforme o interesse de políticas e filosofias adultocêntricas, que excluíram sua possibilidade de comunicar singularidades e pluralidades. Hoje, dispositivos são utilizados por cientistas, cuidadores, educadores, para que a criança comunique sua infância, se fazendo ouvir e modificando o *status quo* do mundo adulto. Um deles é a Arte, utilizada como recurso terapêutico, pedagógico, e também como forma de comunicar expressões de infâncias. Esta pesquisa tem como objetivo tecer um diálogo entre os temas infâncias, vulnerabilidade social e arte, via obras de Candido Portinari e Sebastião Salgado, através de um projeto didático interdisciplinar elaborado para o Ensino Fundamental, séries finais, que possibilitará, por meio da abordagem baseada em problemas e por projetos, discussões sobre realidades sociais e sobre o lugar da(s) infância(s) nos estudos de história do Brasil, especialmente em territórios de risco social na atualidade. Espera-se, com a realização desse estudo, que os (as) participantes reflitam sobre sua experiência e sobre seu lugar no mundo, e que o trabalho contribua para o aprofundamento das questões que permeiam o campo da história das infâncias em situação de vulnerabilidade social e suas representações na arte. Haverá escuta das percepções estéticas das obras, das narrativas sobre a história de vida das crianças e adolescentes envolvidas na atividade, e propostas de ações afirmativas que investiguem a história da violação de direitos sociais nas diversas infâncias e adolescências brasileiras. Ao final será realizada uma atividade registrando o(s) encontro(s), por meio da expressão artística em produções de pintura, poesia, performance etc., e textos escritos narrando a experiência.

Palavras-chave: Infâncias, vulnerabilidade social; História da Arte; ensino de História.

RÉSUMÉ

Le concept d'enfance a acquis diverses significations au cours de l'histoire, étant tissé en fonction de l'intérêt des politiques et des philosophies centrées sur l'adulte, ce qui excluait sa possibilité de communiquer des singularités et des pluralités. De nos jours, les scientifiques, les soignants, les éducateurs utilisent des appareils pour que l'enfant communique son enfance, se fasse entendre et change le statu quo du monde des adultes. L'un d'eux est l'Art, utilisé comme ressource thérapeutique et pédagogique, mais aussi comme moyen de communication des expressions de l'enfance. Cette recherche vise à créer un dialogue entre les thèmes enfance, vulnérabilité sociale et art, à travers les œuvres de Candido Portinari et Sebastião Salgado, à travers un projet didactique interdisciplinaire préparé pour Elementary School, série finale, qui permettra dans les problèmes et par projets, discussions sur les réalités sociales et sur la place des enfants dans les études d'histoire du Brésil, en particulier sur les territoires à risque social à l'heure actuelle. Les participants devraient réfléchir à leur expérience et à leur place dans le monde, et leurs travaux contribueront à approfondir les questions qui imprègnent le domaine de l'histoire des enfants en situation de vulnérabilité sociale. et leurs représentations dans l'art. Il y aura une écoute des perceptions esthétiques des œuvres, des récits sur l'histoire de la vie des enfants et des adolescents impliqués dans l'activité, et des propositions d'action positive qui enquêtent sur l'histoire de la violation des droits sociaux dans les différentes enfances et adolescents brésiliens. À la fin, une activité sera enregistrée, enregistrant la ou les réunion (s), à travers une expression artistique dans des productions de peinture, de poésie, de performance, etc., et des textes écrits relatant l'expérience.

Mots-clés: Enfance, vulnérabilité sociale; Histoire de l'art; l'enseignement de l'histoire.



SUMÁRIO

Temática.....	08
Problema e hipótese.....	09
Aporte teórico-científico e didático.....	11
Desenvolvimento.....	12
Considerações finais.....	23
Bibliografia.....	24

Temática

Este trabalho objetiva tecer diálogos entre traços estéticos em Candido Portinari e Sebastião Salgado, no que diz respeito às suas representações de infâncias, tendo ciência de que, pela vastidão do assunto, o tema merece uma investigação futura maior. Esses diálogos funcionarão como discussão pedagógica em um projeto interdisciplinar no Ensino Fundamental II e/ou Médio, no qual serão criadas interfaces entre as artes e a realidade brasileira, e local, de estudantes. As obras escolhidas retrataram infâncias vulneráveis, em ambos. Para melhor compreensão do que será exposto, iniciarei pela justificativa.

Em primeiro lugar, minha formação acadêmica e minha atuação profissional estão intimamente ligadas às áreas de artes e humanidades, em formação e profissão. Vi a possibilidade, desde o início do curso, em aprofundar conhecimentos em história da arte. Também, como professor na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, assim como educador social atuante no terceiro setor, cogitei pesquisar algo em torno da construção de conceitos sobre as diversas culturas infantis no Brasil.

Tendo contato com a história das crianças e a história das crianças abandonadas no Brasil, percebi que poderia elaborar um trabalho que dissesse respeito não apenas a essa temática – a das infâncias, especialmente as empobrecidas – mas também às suas representações na arte. Sabendo que o tema é amplo e aberto demais, resolvi centrar o olhar para dois autores: Candido Portinari e Sebastião Salgado.

Do primeiro escolhi uma obra em específico – “Retirantes”.¹ Considerada uma série, e datada de 1944, nela o pintor retrata três momentos do deslocamento de uma família, composta por adultos, crianças e adolescentes. Na primeira, a introdução. Na segunda, uma criança morta. Na terceira, um enterro. A obra reproduz o sofrimento humano no êxodo, as infâncias empobrecidas, violadas e violentadas, subjugadas, ao mesmo tempo em que expressadas de forma artisticamente arrebatadora e, especialmente para este curso, com um olhar historiográfico, a meu ver. Há vários ambientes na obra, passíveis de reflexão, mas, pensando, como já disse, em elaborar algo mais enxuto, focarei nas infâncias.

Do segundo, optei por cinco fotografias, constantes em diferentes coleções ou publicadas de forma autônoma, que retratam infâncias em situações plurais, de

¹ <http://www.portinari.org.br/#/acervo/conjunto/15/detalhes>

deslocamentos territoriais a abandono. As obras escolhidas foram: *Crianças às margens das rodovias* (1997), *Crianças abandonadas em instituições estaduais* (1997), *Orfanato anexo ao hospital do campo 1 de Kibumba. Goma, Zaire* (1994), *Refugiado da Eritreia e seu filho moribundo, chegam no campo de Wadi Sherifai, Sudão* (1985), e *Anjinho* (1983).

Buscarei, através de uma breve análise dessas obras, engendrar um resgate histórico do processo de construção de identidades infantis empobrecidas, arriscando a extensão do olhar para a escuta de ecos de infâncias do tempo presente, abarcando, assim, vários tópicos (enquanto recortes históricos) explorados durante esta especialização – representações, identidades, arte, tempo presente.

Problema e hipótese

Abaixo a apresentação do problema desta pesquisa, que tomará como temas traços de histórias sobre infâncias no Brasil, e como, por meio de obras de arte visual, infâncias podem ser representadas. Trata-se, especificamente, de territórios infantis cujos direitos sociais foram, de alguma forma, violados. Infâncias empobrecidas, vulneráveis, deslocadas, nas palavras de Corazza (2004), “um infantil diferente, impróprio, diverso, desigual, distinto, dessemelhante, alterado, inexato, desavindo, malquisto, alheio, desgraçado, infortunado, desastrado, inconveniente; o infantil fora-da-norma, disforme, desconforme, desajustado, discrepante, desproporcionado, divergente, irregular; este infantil pequeno, acanhado, apoucado, dependente, subalterno, prejudicado, subordinado, carente, assujeitado, deficiente, imaturo, inconstante, impróprio, errado, incerto, irregular, desproporcionado, injusto, pervertido; este infantil fugido, alien, allius, forasteiro, estranho, esquisito, exótico, desgarrado, extraviado, desencaminhado, peregrino, errante, perdido, emigrado, proscrito; o infantil a ser expedido, remetido, enviado, despachado, desembaraçado, apartado, segregado, exilado, banido, desterrado, degregado, deportado, expatriado (...)”. (p. 124).

“Retirantes”, de Candido Portinari (1903-1962), retrata infâncias que se alinham ao ‘infantil’ trazido por Corazza (2004). Seu mote estético retratou a vida cultural e política brasileira.

“O tema essencial da obra de Candido Portinari (...) é a força de sua temática social. Embora menos conhecido, há também o Portinari lírico.

Essa outra vertente é povoada por elementos das reminiscências de infância na sua terra natal: os meninos de Brodowski com suas brincadeiras, suas danças, seus cantos; o circo; os namorados; os camponeses... o ser humano em situações de ternura, solidariedade, paz.”²

A obra em referência divide-se em três partes, ambas produzidas em 1944, onde as infâncias no êxodo são retratadas de formas distintas. Na primeira tela, “Retirantes”, a família se desloca, já em estado de miséria, buscando outras vidas. Na segunda “Menino morto”, há a perda de um membro, uma criança. Na última, “Enterro na rede”, a cena da morte. Nesta última, não há referência clara à infância. Portanto, a análise será detida nas duas primeiras.

As discussões sobre o problema orbitarão, portanto, em torno de como as diversas configurações de infâncias em situação de empobrecimento são vistas pela sociedade brasileira contemporânea, de forma geral, e através da obra “Retirantes”, e “Menino morto”, de Candido Portinari, de forma específica. Como podemos criar paralelos entre as leituras que se têm de infâncias em situação de empobrecimento, na sociedade e cultura brasileiras, e via ótica artística do pintor nesta obra supracitada.

Para além do retrato da realidade brasileira, o fotógrafo Sebastião Salgado (1944) expande o olhar sobre infâncias empobrecidas em situações e lugares diversos do globo. Suas obras denunciam a violação de direitos infantis em deslocamentos, campos de refugiados, instituições de acolhimento e cerimônias variadas. As obras escolhidas para este trabalho exibem crianças em assentamento rural do movimento sem terra, crianças em orfanatos, em campos de refugiados e, finalmente, numa cerimônia fúnebre.

Ambos os autores expõem a fragilidade do corpo infantil, escancarando marcas do abandono e do sofrimento, numa estética que engendra percepções de permanência desse estado, como se essas marcas fossem não apenas corporais, mas políticas e sociais, e estivessem condenadas a reproduzir violências (BOURDIEU, 1996) em todos os seus aspectos. “(...) são (...) estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir” (ROLNIK, 1993, p. 02). Um devir sem perspectivas à primeira vista, funcionando dentro de uma operação de poder que prevê a manutenção de um *modus operandi* perverso, que se utiliza de dispositivos de controle para a perpetuação da exclusão (FOUCAULT, 2002).

² <http://www.portinari.org.br/#>, acesso em 05.04.19

O tema ‘história das infâncias e da criança no Brasil’ é abordado como conhecimento e produção de conhecimento no meio acadêmico, mas não enquanto conhecimento específico no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Ou seja, há, em cursos de formação em nível de graduação e pós-graduação, estudos sobre a história das infâncias. Bibliografias tratam do tema, especialmente em cursos de licenciatura (formação docente), cujas disciplinas de História da educação, Filosofia da educação, Políticas públicas para a educação, Metodologias e práticas etc, preveem o aprofundamento de temas relacionados às infâncias e adolescências no Brasil. Como conteúdo do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, a história da infância e da adolescência no Brasil surge transversalizada (BRASIL, 2019) em temas e assuntos mais gerais, especialmente em conteúdos de história, geografia, literatura e artes.

Um projeto de intervenção criará situações em que as crianças/adolescentes estudem a história da infância no Brasil, concatenando suas histórias de vida/narrativas e refletindo sobre a questão social, a violação de direitos, e possíveis ações das políticas públicas para que a restituição de direitos seja possível. Pode-se utilizar a ABPP (abordagem baseada em problemas e por projetos) para se criar estratégias e ações afirmativas que permitam não apenas o pensar e o repensar de conceitos e histórias sobre as infâncias, como também se aproximar, via estudo do meio, de situações reais, buscando planejamentos de projetos que transformem, via empoderamento e luta por restituição, violação de direitos sociais em garantia de direitos sociais.

Aporte teórico-científico e didático

A proposta se dará no âmbito da ABPP, abordagem baseada em problemas e por projetos. A ABPP é uma “estratégia pedagógica que apresenta aos estudantes situações significativas e contextualizadas no mundo real. Ao docente, mediador do processo de aprendizagem, compete proporcionar recursos, orientação e instrução aos estudantes, à medida que eles desenvolvem seus conhecimentos e habilidades na resolução de problemas” (MAYO et al. apud GARBIN et al., 2017, p. 15).

Didaticamente, haverá uma explanação inicial sobre o tema “infâncias”, traços e contextos de sua história no Brasil, especialmente no que tange à questão social e do empobrecimento. Para isso, o projeto deverá ser desenvolvido em escola situada numa comunidade considerada como um local de vulnerabilidade ou risco social, em que a

violação de direitos sociais está instalada e a necessidade de restituição desses direitos é urgente. Alunas e alunos adolescentes serão ouvidas e ouvidos, e pontuarão problemas enfrentados pelas infâncias locais, no que tange à educação, segurança, salubridade, saneamento, habitação, alimentação, lazer etc., especialmente contando suas próprias histórias de vida e como essas histórias ainda se perpetuam nas atuais. Apresentarei, então, a obra “Retirantes”, de Candido Portinari³, e as fotografias supracitadas de Sebastião Salgado, como dispositivos que engendram, criam complexidades ou fazem pensar e repensar a própria realidade vivida. A partir daí, pensaremos no quanto a arte retrata ou não realidades, se cada realidade presente está ali na obra, se há identificação, se suas histórias coadunam com o retrato daquele Brasil mostrado ali. E, por fim, numa discussão final, pretenderemos falar sobre como essas situações de infâncias empobrecidas poderiam ser amenizadas, tratando, agora, de possibilidades contemporâneas de ações afirmativas, via políticas públicas e/ou segundo e terceiro setores, para que as infâncias atuais não sejam tão empobrecidas e, que as empobrecidas, busquem restituir sua dignidade via empoderamento e transformação social. Numa segunda etapa do trabalho, proporei uma produção artística para que possamos colocar em forma de arte tudo o que foi tratado no(s) encontro(s).

Da justificativa, o que friso é a necessidade de pesquisar algo em torno da construção de conceitos sobre as diversas culturas infantis no Brasil, especialmente as infâncias empobrecidas, violadas e violentadas, subjugadas, ao mesmo tempo em que expressadas de forma artisticamente arrebatadora e, especialmente para este curso, com um olhar historiográfico. Buscaremos através de uma análise da obra ‘Retirantes’, e das obras escolhidas de Sebastião Salgado, engendrar um resgate histórico do processo de construção das identidades infantis empobrecidas no Brasil, arriscando a extensão do olhar para a escuta de ecos de infâncias do tempo presente, abarcando, assim, vários tópicos (enquanto recortes históricos) explorados durante esta especialização – representações, identidades, arte, tempo presente.

Desenvolvimento

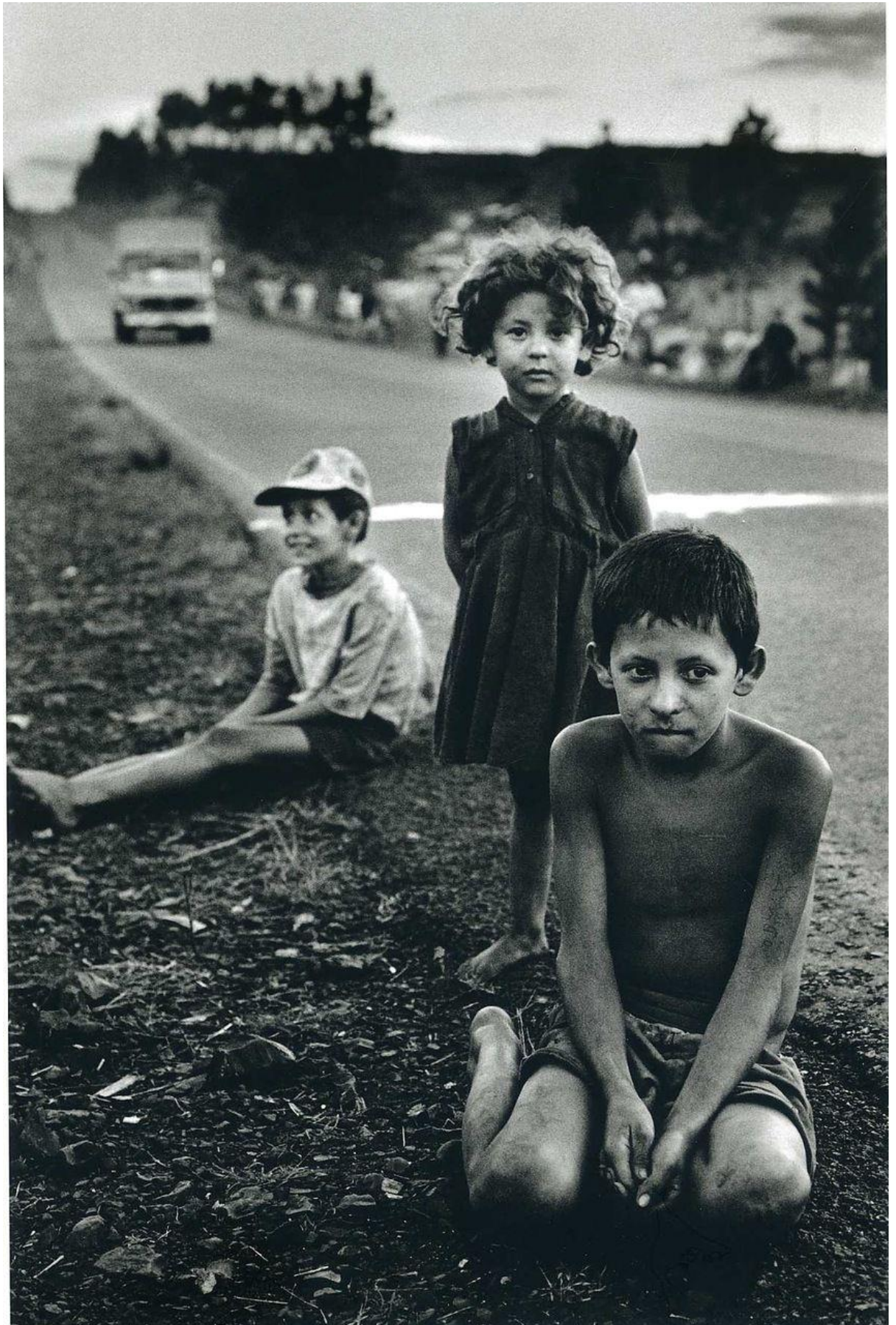
A história das crianças, no geral, e, claro, de modo acentuado no caso brasileiro, é marcada pela polarização entre uma imagem ideal da criança, feliz, brincalhona e

³ <http://www.portinari.org.br/#/acervo/conjunto/15/detalhes>

cheia de sonhos, em contrapartida à barbárie real do tráfico de drogas e de pessoas, do trabalho infantil, da exploração sexual, etc. De acordo com Del Priore (2016), a descrição da infância feita pelas organizações internacionais, não governamentais e pelos órgãos responsáveis pela garantia de seus direitos, assim como restituição de direitos violados, vem mostrando uma considerável distância entre imagem projetada e realidade, ficando, a primeira, a cargo de vender uma criança que necessita do consumo para ser representada enquanto um ser feliz e realizado, e a segunda, responsável por dar conta de uma infância que deve ser orientada para o trabalho, o ensino, o adestramento físico e moral, “sobrando-lhes pouco tempo para a imagem que normalmente a ela está associada: do riso e da brincadeira”. (p. 8). Sob herança da colonização, as infâncias permanecem “despossuídas de condições básicas de alimentação, moradia, saúde, educação e garantias trabalhistas” (DEL PRIORE, 2016, p. 13). A autora aponta a necessidade de dar voz à documentação histórica, tomando, contudo, o cuidado para discernir sobre relatos de profissionais que trabalham com a infância, uma vez que o olhar permanece sendo o do adulto.

Uma possibilidade de análise da representação histórica das infâncias pode se dar através da arte.

Sebastião Salgado (1944) fotografou infâncias em obras diversas. Terra (1997) retrata a miséria no Brasil, no período de 1980 a 1996. Entre a captação de imagens de trabalhadores rurais sem terra, pessoas em situação de rua e outros grupos sociais excluídos socialmente, estão crianças. Nas imagens abaixo, as obras *Crianças às margens das rodovias*, traz crianças de acampamento sem terra, em 1996, às margens da rodovia PR-158, no Paraná, e *Crianças abandonadas nas instituições estaduais*, retrata uma cena captada na antiga FEBEM (Fundação estadual do bem-estar do menor), hoje Fundação C.A.S.A. (Centro de atendimento socioeducativo ao adolescente), localizada na Rua Angatuba, Pacaembu, São Paulo, posto de assistência especializada em acolher crianças abandonadas.



Crianças às margens das rodovias. Sebastião Salgado. Terra (1997)



Crianças abandonadas em instituições estaduais. Sebastião Salgado. Terra (1997)

Em *Êxodos* (1999), Salgado retrata ao deslocamento humano em 35 países. Dentre as fotografias, imagens capturadas de crianças também compõem a obra.



Orfanato anexo ao hospital do campo 1 de Kibumba. Goma, Zaire, êxodos. (1994).

A situação do êxodo também foi retratada, no Brasil, da primeira metade do século XX, por Candido Portinari na obra “Retirantes”, de 1944. Na obra, a representação da infância remete ao sofrimento, à fome, à desnutrição, à falta de perspectiva, à tristeza, à escuridão.



Retirantes. Painel a óleo/tela, 190cmx180cm RJ, Petrópolis, 1944

Não nos interessa aqui o aprofundamento de pormenores do período em que a obra foi concebida, mas sua relação imediata com a representação de uma identidade infantil violada, violentada, empobrecida. Uma realidade que pode representar outras infâncias, de outros períodos, e de outras realidades. Portinari não pintou apenas situações de sofrimento infantil. Obras como “Cambalhota”, “Crianças brincando”, “Futebol”, “Pulando carniça”, “Meninos brincando” e “Meninos no balanço”⁴ retratam a vida cotidiana de crianças brincando na rua, uma vivência que remete à sua própria infância. Em “Retirantes”, há uma infância específica representada. De acordo com Coelho (2010), a obra, uma pintura com cunho social, remete às consequências de uma situação política que não deu conta de garantir trabalho às populações mais periféricas, forçando famílias rurais ao êxodo e à inadaptação de uma nova realidade social urbana.

⁴ http://www.museudainfancia.unesc.net/memoria/expo_ibero/acervo_portinari.htm, acesso em 08.04.19.

Influenciado pela exposição de Pablo Picasso (1881-1973), no MAM, em Nova Iorque, em 1939, Portinari modificou sua paleta de cores e a forma humana, nesta obra. “Ao ser humano, impotente diante da dor, restam as lágrimas. Lágrimas petrificadas e mãos levantadas num gesto de súplica ou maldição, mostrando tristezas, prantos, misérias, dramas, tragédias... (...) Portinari se utilizou, principalmente, da deformação plástica, maciça do modelo picassiano” (COELHO, 2010, p .118). As infâncias esqueléticas e trágicas representam infâncias esqueléticas e trágicas outras, reais, presentes, empobrecidas.



Menino morto. Painel a óleo/tela, 190cmx180cm RJ, Petrópolis, 1944

Na segunda tela da série Retirantes, “Menino morto”, vemos a morte representada. Uma criança sacrificada, outras em luto, o pranto e a permanência do sofrimento, a falta de perspectiva e, talvez, o prenúncio do futuro. “O corpo ressequido, a cabeça transformada em caveira, os braços quase em forma de cruz revelam o intenso sofrimento do pequeno morto. Os elementos expressivos do rosto, aliás, fazem pensar muito mais numa representação simbólica do que numa fisionomia individualizada, pois

lembram a iconografia medieval da máscara da Morte. O quadro revela uma tensão expressiva entre a Vida e a Morte. Uma pobre vida, em que já se presente a presença da morte – os corpos transformam-se em esqueletos - uma morte que parece não ter apagado os sofrimentos da vida”. (SILVA, 2010, p 135-136).

Pode-se notar semelhante situação em fotografia de Sebastião Salgado.



Refugiado da Eritreia e seu filho moribundo, chegam no campo de Wadi Sherifai, Sudão . Sebastião Salgado. 1985

E, logo abaixo, outro retrato da morte infantil.



Anjinho (1983). Ceará. Sebastião Salgado. Terra (1997)

Essas representações das infâncias não surgem como conteúdo obrigatório específico na escola. Em análise à Base Nacional Curricular Comum do Ensino Fundamental (BNCC, 2017) vemos a importância da compreensão e construção do conhecimento histórico via utilização de fontes e documentação. Para tanto, a BNCC (2017) destaca a importância de cinco processos: identificar, comparar, contextualizar, interpretar e analisar, que devem ser desenvolvidos de acordo com as seguintes competências:

1. Reconhecer que diferentes sujeitos possuem percepções diferenciadas da realidade, estejam eles inseridos no mesmo tempo e espaço ou em tempos e espaços diferentes.

2. Selecionar e descrever registros de memória produzidos em diferentes tempos e espaços, bem como diferentes linguagens, reconhecendo e valorizando seus significados em suas culturas de origem.

3. Estabelecer relações entre sujeitos e entre sujeitos e objetos, e seus significados em diferentes contextos, sociedades e épocas.

4. Colocar em sequência, no tempo e no espaço, acontecimentos históricos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como criticar os significados das lógicas de organização cronológica.

5. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.

6. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

7. Descrever, comparar e analisar processos históricos e mecanismos de ruptura e transformação social, política, econômica e cultural.

8. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.

9. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos próprios à produção do conhecimento historiográfico. (BNCC, 2017, p. 352).

Há, implicitamente, possibilidades de se trabalhar assuntos e temas sobre história das infâncias e suas representações por meio da arte, mas não explicitamente.

Quanto aos currículos para o Ensino Fundamental, temos as seguintes propostas, constantes na BNCC (2017):

1º e 2º anos

- Reconhecer o “Eu” e o “Outro” por meio da realidade imediata do aluno (a família, a escola e a comunidade).
- Compreender a existência de diferentes temporalidades.
- Identificar e compreender os registros de sua história pessoal e os da sua comunidade.
- Identificar as formas de relação com a natureza por meio das formas de trabalho existentes na comunidade onde vive e seus impactos sobre o meio.

3º ano

- Distinguir os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a sua cidade.
- Identificar os marcos históricos e reconhecer o patrimônio histórico e cultural do lugar em que se vive.
- Identificar os diferentes modos de vida, comparando-os com os do passado.
- Reconhecer as diferenças entre os meios urbano e rural.
- Estabelecer a noção de público e privado.

4º ano

- Reconhecer a história como consequência da ação humana.
- Identificar permanências e transformações da história da humanidade (sedentarização, escrita, navegação, entre outras).
- Estudar a circulação de pessoas, de produtos e, conseqüentemente, de culturas, identificando a relação entre indivíduos, a importância dos diferentes caminhos (terrestres, fluviais e marítimos) para a dinâmica comercial e as transformações das formas de comunicação.
- Analisar as questões históricas relativas à migração, como ocorreram os diferentes fluxos migratórios ao longo da história, considerando as diferenças espaciais e temporais.

5º ano

- Reconhecer a diversidade de povos e culturas e suas formas de organização (do processo de sedentarização à formação de Estados), incluindo a compreensão do papel da religião e da cultura para os povos da Antiguidade.
- Compreender as diferentes formas de registro e/ou transmissão da história (as tradições orais, valorização da memória e o uso de diferentes linguagens), identificando as diferentes formas de

organizar e medir o tempo. • Reconhecer os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e suas transformações ao longo da história.

6º ano

• Aprofundar o entendimento sobre a diversidade de formas de compreensão, medição e registro do tempo, incluindo reflexões sobre sincronias e diacronias e o sentido das cronologias. • Estudar sobre as origens da espécie humana (identificando as hipóteses científicas sobre o assunto), seus deslocamentos e processo de sedentarização (descrevendo as transformações da natureza pela ação humana ao longo do tempo). • Reconhecer as lógicas de organização política e social, formas de trabalho e aspectos culturais dos povos ao longo da história: Antiguidade Oriental (mesopotâmicos, egípcios e povos pré-colombianos na América), Antiguidade Ocidental (gregos e romanos) e a passagem do mundo antigo para o medieval, considerando o Mediterrâneo como espaço de interação entre Europa, África e Oriente Médio.

7º ano

• Compreender a ampliação das conexões entre Europa, América e África na Modernidade. • Estudar os aspectos políticos sociais e culturais do século XV ao final do século XVIII (Renascimento, Reformas religiosas, expansão marítima, processos de colonização da América, lógicas mercantis do mundo moderno, escravidão e emergência do capitalismo).

8º ano

• Focar os estudos na compreensão da conformação da história do mundo contemporâneo na Europa e na América: Iluminismo, Revoluções inglesas, Revolução Industrial, crise do sistema colonial na América e os processos de independência, o Brasil monárquico, nacionalismo, liberalismo e revoluções europeias no século XIX, imperialismo na África e na Ásia, darwinismo social e o discurso civilizatório, e a questão indígena nas Américas.

9º ano

• Estudar a república no Brasil desde a sua formação até a Constituição de 1988, considerando o protagonismo dos diferentes grupos e sujeitos históricos. • Relacionar as abordagens da história nacional aos processos europeus, africanos, asiáticos e latino-americanos dos séculos XIX e XX, reconhecendo as especificidades e fazendo aproximações entre os eventos, incluindo os da história recente. • Estudar a ascensão do totalitarismo na Europa e os grandes conflitos mundiais, a Guerra Fria, as experiências

ditatoriais na América do Sul, os processos de descolonização da África e da Ásia, o fim da Guerra Fria e o processo de globalização.

Novamente, não vemos o tema explicitamente sendo trabalhado. Sendo assim, didaticamente, podemos extravasar os conteúdos trabalhando com projetos interdisciplinares que possibilitem a transversalização de temas (BRASIL, 2019). Como proposta possível para um trabalho de investigação sobre a história das infâncias no Brasil, pode-se adotar a abordagem baseada em problemas e por projetos (ABPP). Partindo das propostas obrigatórias para competências e currículos de história no Ensino Fundamental, a ABPP pode sugerir temas que estejam mais próximos à realidade de determinado grupo. Métodos colaborativos de produção, perspectiva interdisciplinar e transdisciplinaridade são algumas das características da APBB (GARBIN et al, 2017). Pensar num tema como o que temos desenvolvido aqui – a representação de infâncias diversas na história do Brasil (leia-se ‘história do meu território’), especialmente infâncias em situação de vulnerabilidade social, em que a violação de direitos sociais já está instalada, através da leitura de uma obra de arte (no nosso caso – “Retirantes”, de Candido Portinari) – e trabalha-lo nesses moldes – o da produção colaborativa, da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, deve, a nosso ver, dar conta de um projeto de escrita de narrativas, construído via olhar coletivo de um determinado grupo sobre um determinado território, e embasado em competências e currículos específicos constantes na BNCC. Como proposta plausível, podemos elaborar a seguinte atividade, a ser desenvolvida, por exemplo, com 6º anos:

1. Apresentação do tema.
2. Apresentação da obra.
3. Apresentação do território (neste caso, pode-se optar por um território cujas características coadunam com as da obra em questão, em que infâncias já se encontram em situação de violação de direitos sociais).
4. Escuta das percepções estéticas da obra.
5. Escuta das narrativas acerca da história de vida das crianças/adolescentes locais e o quanto há identificação com o tema e com a obra.
6. Proposições de ações afirmativas que possam reverter/restituir/empoderar/transformar etc.
7. Produção artística do encontro que registre as impressões/sensações/marcas.

8. Exposição e apresentação pública das produções, que poderia ser feita no próprio espaço escolar ou em outro, dentro ou fora da comunidade.

Para tanto, é imprescindível a presença de docentes da área para intermediação sobre competências e currículos, espaço adequado, e material para produção coletiva da exposição. A atividade teria como preceptor um arte-educador.

Temos, então, com isso, traços/meios/pistas para compreender de que forma o tema “representações de infâncias na obra ‘Retirantes’, de Candido Portinari” é abordado no meio acadêmico – via textos e investigações científicas apresentadas aqui como referência bibliográfica, e como poderia ser desenvolvido via micro-história, história do tempo presente e resgate, pela narrativa e pelas competências e conteúdos de um documento formal que orienta ações pedagógicas – BNCC – por turmas do 6º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública localizada em território avaliado como sendo de vulnerabilidade social.

Considerações finais

Quatro eixos foram apresentados neste trabalho: 1. a necessidade de se investigar histórias de infâncias empobrecidas no Brasil, 2. a representação dessas infâncias na arte brasileira, 3. conteúdos de história na escola, e 4. uma proposta didática direcionada a alunas e alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, que dê conta de compreender, via competências e currículos de história, como podem ser representadas na arte a(s) infância(s) em situação de vulnerabilidade social, como podemos, através desse dispositivo artístico, compreender traços de sua(s) história(s) e, ainda, de que forma podemos nos utilizar desse conhecimento para, através de uma metodologia específica (ABPP), não apenas entender, situar, contextualizar, mas criar estratégias de enfrentamento, via ações afirmativas, para que essas infâncias tenham possibilidades de caminhar rumo à transformação social e ao empoderamento.

Como se trata da apresentação de um relatório crítico com uma situação hipoteticamente forjada, não há resultados empíricos a apresentar. A proposta de um encontro onde haja reflexões e produções artísticas, no formato vislumbrado acima é, a meu ver, bastante plausível. Penso, então, que pode haver sim resultados positivos que tragam possibilidades de reflexão sobre a história, sobre as histórias de infâncias

brasileiras empobrecidas (e, dessas, as que estão representadas na obra de arte “Retirantes”, de Candido Portinari, e em fotografias diversas de Sebastião Salgado, como contraponto à principal leitura visual proposta) e sobre conteúdos de história na escola. Acredito que, através de um pequeno projeto de assembleia escolar, focado na abordagem baseada em problemas e por projetos, com o compartilhamento de narrativas e micro-histórias de vida do tempo presente, visando autonomia e construção coletiva de produção de conhecimento, e buscando costurar a atividade com uma produção artística, alunas e alunos do 6º ano do Ensino Fundamental podem, criticamente, aprofundar conceitos e desenvolver, interdisciplinarmente, aprendizagens múltiplas sobre sua ancestralidade e sobre maneiras de não mais perpetuar o abandono social sofrido pelas infâncias brasileiras desde tempos remotos.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. 2ª ed. RJ: Bertrand Brasil, 2002

BRASIL. **BNCC**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em 08.04.2019.

BRASIL. **Temas contemporâneos transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília, DF, 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em 30.06.2019.

BUJES, M. Isabel Edelweiss. **Dos modos de olhar a infância**. In. LEHENBAUER. S, PICAWEY, M. M. ,STEYER, V. E., WANDSCHEER, M. S. X. O Ensino Fundamental no século XXI. RS: Editora da ULBRA, 2005.

COELHO, Tiago da Silva. **Os Retirantes de Portinari e a questão da seca no Brasil**. XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio. Memória e patrimônio. Uni-Rio, RJ,

jul 2010. Disponível em:
[http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276742424_ARQUIV
 O_OsRetirantesdePortinarieaquestaodasecanoBrasil.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276742424_ARQUIV_O_OsRetirantesdePortinarieaquestaodasecanoBrasil.pdf), acesso em 13.03.2019.

CORAZZA, Sandra Maria. **História da infância sem fim**. 2 ed. – Ijuí: ed. Unijuí, 2004
 – 392 p. (Coleção Fronteiras da Educação)

DEL PRIORE, Mary (org). **História das crianças no Brasil**. 7 ed. SP: Contexto, 2016.

FREITAS, Thiago. DE PAULA, Silas. (UFCE). **O fotodocumentarismo contemporâneo nas imagens de Sebastião Salgado**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0843-1.pdf>,
 acesso em 25.06.2019.

FOUCAULT. **A ordem dos discursos**. Trad. Laura Fraga de A. Sampaio. 15ª ed. Ed. Loyola. SP: 1996.

GARBIN, Mônica C. CAVALCANTI, Carolina C., ARAÚJO, Ulisses F. do. **Metodologias ativas de aprendizagem na formação semipresencial de professores: articulando teoria e prática**. International Studies on Law and Education 27 set-dez 2017 CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto.

KRAMER, S. e LEITE, Maria Isabel (org.). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. SP: Papyrus, 1996.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História social da criança abandonada**. SP: Hucitec, 2006.

OLIVEIRA, Marina Colli de. **Os Retirantes de Portinari: crítica comentada sobre as obras da série pertencente ao MASP** / Marina Colli de Oliveira. - 2018. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-

Graduação em Artes. Orientador: Alexander Gaiotto Miyoshi. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.237>, acesso em 13.03.2019.

SALGADO, Sebastião. **Terra**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

SALGADO, Sebastião. **Êxodos**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

SILVA, Antonio Almeida Rodrigues da. **Análise da “Série Retirantes, de Candido Portinar, à luz dos estudos tillichianos sobre as artes plásticas**. In: Revista eletrônica Correlatio, junho de 2010. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/2100/2139>, acesso em 08.04.19.

VIEIRA, Else, R. P. **As imagens e as vozes da despossessão: a luta pela terra e a cultura emergente do MST**. 2003. Disponível em <http://www.landless-voices.org/vieira/archive-05.php?rd=ABANDONE496&ng=p&sc=3&th=55&se=0>, acesso em 25.06.2019.